

FATOS E NOTAS

PROBLEMÁTICA DA SAUDADE (*).

Se há tema que de antigo, pelo menos desde meados do século XV, afete o pensamento dos portugueses, êsse é o da significação, sentido e valor da saudade. O interêsse de que tem sido objeto aparece predominantemente ligado às épocas em que “as razões do coração” são tão atrativas como “as razões da Razão”; por isso, o século XIX, durante a quadra em que a concepção romântica da vida dominou o mundo da nossa arte e do nosso pensamento, foi por excelência o século dos temas saudosistas, como o século XVIII, principalmente na segunda metade, de índole racionalista e iluminista, foi o século em que a racionalidade abstrata, universalista e impessoal, desterrou a emotividade inerente à saudade e conseqüentemente os problemas que ela suscita.

A correlação com as situações espirituais epocais não significa, porém, que a temática da saudade seja una e constante.

Esteticamente, dos *Cancioneiros* a Teixeira de Pascoais, o poeta que como nenhum outro da nossa língua se introverteu espontânea e habitualmente num universo de fatualidade imaterial e poética, o mundo da saudade é virtualmente ilimitado e até indefinido; porém o que importa ao nosso objetivo presente não é a descoberta das espécies valorativas ou das expressões estéticas temporais, mas a problemática contida na saudade e respectiva significação filosófica.

Do conjunto da bibliografia portuguesa, brasileira e espanhola, assim em castelhano, como em galego e catalão, se colige que a temática da saudade tem consistido fundamentalmente na inquirição filosófica da origem e da semântica da palavra, na consideração do sentido privativo ou universal do respectivo conceito e na reflexão das conseqüências morais e sociais da atitude saudosista.

A inquirição filosófica, de copiosa bibliografia e, porventura, a mais bem conduzida das inquirições respeitantes à saudade, atingiu alguns resultados que parecem definitivos e abrem passo à indagação pròpriamente filosófica. Assim, pode dizer-se que a palavra saudade tem por étimo longínquo o adjetivo e advérbio la-

(*) . — Trabalho apresentado ao XIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências.

tino *solu*, o que equiivale a dizer que nele flui a idéia de estar só. A idéia de estar só, porém, tanto pode ter sentido tópicó, reportando-se ao sítio em que se está, como sentido psicológico, relativo ao estado de alma de se sentir só, pelo que o terno genérico *solu* se explicitou na particularização das idéias que exprimem o sentido da solidão e solitude, como *solitas* e *solitudo*, e o sentido da soledade, cujo étimo é *solitudine*, da baixa latinidade. Etimológicamente, *soledade* e *saudade* derivam da mesma base, pelo que se comprende que Amador Arrais, no século XVI, com purismo de filósofo, preferisse o terno “soedade” ao de *saudade*. O apuramento desta etimologia mostra que *soledade* e *saudade* remontam à idéia de isolamento e à do espírito refluir sôbre si mesmo, tornando compreensível o fato de haverem sido empregados como ternos sinônimos.

Não sabemos se o fato chegou a verificar-se na história do nosso léxico, mas sabe-se que no castelhano a nossa palavra *saudade*, *suidade* ou *soidade* de ascendência medieval, teve correspondência perfeita na palavra *soledad*, como testemunham o passo da égloga virgiliana em que Juan de Encina, em 1490, “canta la *soledad* que Castilla sentia quando los reyes iban a Aragon”, e a frase de Nuñez de Reinoso, em 1550: “*Soledad* de España sientio”.

Não sabemos, repetimos, se chegou a verificar-se entre nós a sinonímia de *soledade* e de *saudade*, mas se isso ocorreu, deu-se somente como fantasia passageira, sem seguimento nem significação geral. A prova, e concludente, colhe-se em D. Duarte e em Gil Vicente; o primeiro, opinando antes de outrém que “este nome de *suidade* (é) tam proprio, que o latim nem outra linguagem, que eu saiba, nom é para tal sentido semelhante. . .”; e o segundo, colocado perante o fato de ter de exprimir o conceito de *saudade* em castelhano, inventando o terno de *saludad* e recorrendo ao de *soledad*, com o que mostrou a intraduzibilidade da nossa palavra por estes parônimos:

Matadme, señor padre,
que *saludad* de mi madre
me mata ansi como ansi.

Soledad tengo de ti
Heridea, hermana mia.

Encontramo-nos, assim, com o primeiro dado concreto a partir do qual começa a problematização da *saudade*, e este dado é a existência da palavra *saudade* como privativa do léxico português e galego, visto não ter correspondência como *palavra* nas demais

línguas românicas, nem tampouco nas anglo-saxônicas, o que inspirou a Garrett os expressivos versos:

..... Saudade!
Mavioso nome, que tão meigo soas
nos lusitanos lábios, não sabido
das orgulhosas bocas dos Sicambros.

O nosso objetivo consiste em extrair dêste dado os problemas que êle encerra, deixando para outra oportunidade a reflexão acêrca do método ou métodos com que os problemas descerrados melhor podem ser esclarecidos, bem como os resultados finais dos respectivos esclarecimentos.

O primeiro problema é de índole histórico-sociológica. Formula-se com a seguinte pergunta: Quando e por que se verificou no Noroeste da Península, Entre Douro e Minho e na Galiza, o aparecimento do vocábulo *saudade* e não noutra região peninsular ou de falar romance?

Sob o ponto de vista sociológico, a resposta não parece que seja alheia à celtização nem aos fatores históricos que motivaram que em Entre Douro e Minho, mais do que em qualquer outra região do atual território português, se tivesse operado a mutação do sentimento terrantês em sentimento nacional.

O segundo problema é já de outra índole. Relaciona-se imediatamente com o fato do regionalismo da palavra, e consiste em saber se o expressado pela palavra *saudade* é também próprio de luso-galaicos, ou dito de outro modo, se o idiomatismo do fonema é ou não expressão de um estado psíquico ou de uma idéia ou atitude mental também peculiares a luso-galaicos.

As respostas possíveis são fundamentalmente três:

Primeira: a *saudade*, como expressão e expressado, é coisa privativa das gentes nativas do Noroeste da Península.

Segunda: a *saudade* é designação de um sentimento que “parece que... toca mais aos Portugêses, que a outra nação do Mundo o dar-se conta desta generosa paixão”, como escreveu D. Francisco Manuel de Melo, no século XVII.

Terceira: a *saudade* é um fenômeno essencialmente humano. Como vocábulo, é um idiomatismo privativo de luso-galaicos; no entanto, o que ela exprime é próprio da constituição psíquica humana e como tal exprimível por palavras de som e grafias diferentes.

Como dissemos, a determinação de uma resposta com pretensão de verdade, está fora de nosso objetivo atual; não pode, porém, prosseguir-se na inquirição da problemática sem se admitir, quanto mais não seja a título provisório ou hipotético, que uma das

respostas tem mais probabilidade de ser verdadeira que as outras. Assim posta a questão, bastam os dados elementares da psicologia da vida afetiva para inculcar que a saudade é um acontecimento psíquico suscetível de se dar no espírito de qualquer ser humano. Pode a consciência de uns ser mais sensível que a de outros à inadaptação das circunstâncias, ao contraste das situações vividas, à distanciação do mundo ambiental, ao recolhimento sobre si mesmo, à privação de bens ausentes e ao desejo de bens futuros; não obstante, é da própria natureza da vida emocional e da temporalidade da constituição espiritual o sentimento da conformidade ou desconformidade das situações sucessivamente vividas, e conseqüentemente a possibilidade do contraste da vivência de uma situação atual com a recordação da vivência ou das vivências de situações anteriores.

Acontecimento puramente humano e oposto ao riso e ao choro, na medida em que estes tendem ao estabelecimento da comunicação entre pessoas, a saudade faz parte da vida emocional, o que implica dizer que é uma das maneiras porque a ipsidade de cada um responde ao mundo que o circunda ou à situação em que se encontra. O duvidar, o assentir, o demonstrar são atos da consciência teórica, os quais se desenvolvem no plano da impessoalidade e da subordinação da razão lógica às condições objetivas ou de razão suficiente que lhe são presentes: o ser saudoso, pelo contrário, pertence à categoria dos fenômenos psíquicos que importam a tomada de posição perante as qualidades dos objetos circundantes e cujo ponto de partida irrompe do mais íntimo da personalidade. A saudade não se dá se a consciência vive plenamente o mundo que lhe é dado e a totalidade da experiência anteriormente vivida flui na situação presente sem contraste nem desvios; como isto é supremamente improvável e difícil, segue-se, conseqüentemente, que todo o ser humano — e só o ser humano, pois no ser divino é inconcebível a saudade — é suscetível de estar saudoso e, sobretudo, de ser saudoso.

Dito de outro modo, isto significa que todo o ser consciente e temporal é suscetível de estabelecer uma relação valorativa entre a situação que atualmente vive e a situação outrora vivida e de a sentir como desvio agradável do fluir da existência; e até pode acrescentar-se que as diferenças individuais são profundas, dado que cada qual é suscetível de ser afetado diversamente, já em virtude da nativa constituição psíquica e da ipsidade da própria experiência vivida, já em virtude das propriedades dos objetos, que valorativamente se apresentam com diversa capacidade de atração e de repulsa, de aprêço e de desaprêço.

E' neste terreno da vida psicológica que se dá a saudade e do qual se nutrem alguns estados psíquicos que têm por nota comum a solitariedade, como sejam a solidão contemplativa do eremita, a nostalgia do desterrado e a soledade do desconsolado. Acompanha-se normalmente de um halo de tristeza, mas o ato saudoso também pode trazer consigo a sensação de alívio, como disse Gil Vicente:

Oh tristes saudades minhas
nestas montanhas maninhas
que descanso é o que me dais?

Do que vimos dizendo resulta que o terceiro problema consiste em isolar a saudade do que lhe é afim, em ordem do estabelecimento de uma descrição precisa, e, podendo ser, de uma definição exata. Daqui, o desdobrar-se êste problema em dois sentidos diversos mas convergentes: o metodológico e o histórico.

O sentido metodológico implica, como é óbvio, a escôlha de um método. Oferecem-se vários com mais ou menos prontidão, mas creio que a todos se sobreleva, pelo menos de início, o da descrição fenomenológica da consciência saudosa. E' que o conhecimento do "estar saudoso" tem de preceder o conhecimento do ser saudoso e do *eidos* da saudade, dado que a saudade é verbo e é substantivo, é estar e ser, modo e essência, egofania e alofania, isto é, manifestação *do* eu e manifestação *no* eu; e êste conhecimento apreende-se principalmente na fenomenologia da saudade, quer pela observação introspectiva, quer na análise extrospectiva, notadamente nas expressões poéticas das literaturas gaélica, galega, portuguesa e brasileira, e no comportamento resultante de algumas exaltações mórbidas, designadamente de emigrantes e de enlutados. A análise fenomenológica permitirá determinar as componentes do ato saudoso, como sejam a renúncia, a nolontade, a sensação de isolamento, o desêjo de bens ausentes e anteriormente vividos, e a tristeza. Isoladamente consideradas, as definições conhecidas da saudade não dão nota de tôdas estas componentes; por isso o resultado da análise fenomenológica não só será mais completo, senão que será mais preciso.

O sentido histórico consiste na investigação das considerações filosóficas suscitadas pelo conceito de saudade, — o conceito implícito, bem entendido, e não o do fonema saudade. E' assunto incoerentemente novo. Tem-se investigado, e por vêzes com finura e saber, a traduzibilidade da nossa palavra saudade por outras palavras do vocabulário latino, designadamente *desiderium*, que etimologicamente significa "deixar de ver", e dos vocabulários românico, anglo-saxônico e árabe; porém, a investigação histórico-filosófica da idéia está por fazer e estamos seguros que dará resulta-

dos esclarecedores. Assim, por exemplo a análise dos conceitos de *Desiderium* em Santo Agostinho e em Espinosa, notadamente na definição de Ética, a reflexão de Locke no livro II do *Ensaio sobre o entendimento humano acerca da Uneasiness*, e as expressões literárias, as compenetrações místicas e as reflexões filosóficas acerca da *solitude*, conduzirão a aproximações significativas, e muito principalmente a noção de *Uneasiness*, que Locke definiu como “o desejo fixado sobre algum bem ausente”, cuja tradução usual por *inquiétude* Coste considerava imprecisa e que um português traduziu por saudade no final do século XVIII.

O alcance máximo da indagação orientada com sentido fenomenológico e histórico-filosófico cremos que virá a ser a apreensão da intencionalidade da saudade, ou por palavras mais precisas, o correlato intencional da consciência saudosa, ou seja a comunicação da consciência com outras consciências ou com outros seres ou estados ausentes.

E’-se sempre *saudoso* de, isto é, na saudade dá-se sempre a consciência de algo ausente e cuja presença se apetece com “desejo melancólico”, como admiravelmente disse Garrett, e daqui decorre o quarto problema, relativo ao ser a que o objeto da saudade se reporta. E’, pois, um problema ontológico, e este problema procede do fato de na saudade se dar, a um tempo, o ensimesmar-se e o exsimesmar-se, ou por outras palavras mais adequadas ao sentido noético, a apresentação atual de um estado ou de uma situação indesejável ou menos agradável, e a representação de um estado, de uma situação, de objetos ou antes conhecidos em experiência transacta e que se desejariam revivescentes com vivida comunhão afetiva.

Por esta característica, a saudade não é identificável de maneira alguma à reminiscência no sentido platônico, dado que o saudoso se coloca emocionalmente perante o seu mundo pessoal e vivido e não perante o mundo impessoal de idéias e de formas objetivas, indiferentes, intemporais, aespaciais e universalmente válidas. Os objetos a que se reporta a consciência saudosa têm valor real e não puramente conceptual ou explicativo, e por isso se verifica no ato saudoso o desprendimento, quando não evasão, da apresentação objetiva atual, pela apetência mais ou menos veemente do ser ou maneira de ser, representada como ausente, envolvendo a representação, a par de elementos afetivos, a referência expressa a algo existente ou que existiu fora e independente do sujeito.

Conseqüentemente, no ato saudoso dão-se a existência do ser para o sujeito e a existência do sujeito para o ser, ou por palavras expressivas do vocabulário escolástico, a coisa de que há saudade

e, sob certo ponto de vista, êsse *in*, isto é, acontecimento que se dá numa consciência individualizada, e sob outro, êsse *ad*, isto é, relação intencional com o objeto ausente e desejado. Por isso, se o ensimesmar-se da saudade implica a determinação categorial da vivência saudosa no conjunto da vida psicológica, o seu exsimesmar-se implica o complexo problema das formas, natureza e lugar ontológico dos objetos que o saudoso desejaria atualizados.

Do conjunto destas considerações resulta, finalmente, o problema central e totalizante da significação metafísica da saudade, ou talvez mais pròpriamente, a importância da saudade como dado para uma interpretação metafísica da existência.

Se por Filosofia se entender a teoria geral do Mundo como síntese do Saber ou da fundamentação crítica da possibilidade do próprio Saber, a saudade é um acontecimento individual que se submerge apagadamente na interpretação geral da vida psicológica; porém, se se entender que para além do Mundo que nos é dado, do qual somos espectadores, há o Mundo das qualidades e das significações, do qual somos criadores pela Arte, pela Ética e pela Metafísica, e que a Filosofia é fundamentalmente interpretação qualitativa, então a saudade pode ser elemento capital de uma interpretação metafísica da existência, por implicar uma tomada de posição perante o Mundo, a qual afeta a totalidade da existência vivida e a viver.

A consciência de estar no Mundo não creio que seja princípio bastante e suficiente de uma explicação metafísica da realidade que se vive, mas a explicação total da realidade que se vive não pode menosprezar os ensinamentos e as correlações implícitas na consciência saudosa.

Como é óbvio, o homem saudoso percebe o mundo externo e o mundo interno exatamente como o homem que o não é. E' com os mesmos sentidos, com os mesmos processos, com as mesmas categorias que um e outro apreendem sensações, elaboram idéias e generalizam abstrações; no entanto, os dois homens podem divergir, se é que não divergem, na maneira como interpretam a existência, de tal sorte que ao lado de uma interpretação intelectualista e de uma interpretação pragmática se pode falar de uma interpretação saudosa. Assim, creio que todos reconhecem o contraste do personalismo inerente à saudade com a impessoalidade do racionalismo convicto que a virtude pode ser demonstrada como um teorema de Geometria, tal como Espinosa, para quem a explicação cabal e a suprema felicidade consistem na plena integração do modo da existência de cada um no ser da substância donde tudo procede necessária e necessitantemente.

A presença espiritual da ausência outrora vivida e agora desejada, que é porventura a essência da saudade, desentranha alguns problemas, como o da realidade vital do Tempo, o da realidade da mudança e da alteração e o da existência da multiplicidade irreduzível dos seres e das consciências, cujas soluções são elementos indispensáveis de qualquer configuração metafísica da existência e da concepção da Vida. Com serem importantes, creio não obstante, que a significação suprema da saudade consiste em conduzir o pensamento a interrogar-se e a interrogar a existência vivida e a viver, perceptível e desejável, na sua expressão concreta e não meramente abstrata e menos ainda como espetáculo de que a mente e o coração humanos sejam meros espectadores, passivos e indiferentes.

Tais são, em rápido conspecto, os problemas capitais que se me afiguram existir no tema da saudade como objeto de reflexão. Ao escolher este assunto, tive fundamentalmente em vista chamar a atenção para a possibilidade de se descobrirem problemas e filosofemas mais ou menos correlacionados com a nossa idiosincrasia. Creio saber que a índole e o teor da Filosofia são supranacionais, ou melhor, a-nacionais; mais creio saber também que o próprio de uma consciência nacional irreduzível pode alcançar pela Arte, pela Ação e pelo Pensamento significação universal, e que este é um dos desideratos mais altos que se oferecem à mente de portugueses e de espanhóis, tanto no que os aparenta como no que os separa. A vida histórica de uns e outros, assim como as peculiaridades dos seus gênios nativos encerram temas e problemas a um tempo de significação nacional e universal; e destes temas, a saudade é, porventura, o que mais promete e o que mais instantaneamente aguarda quem lhe desvende o potencial de filosofemas com coerência lógica e consistência doutrinal.

JOAQUIM DE CARVALHO

da Universidade de Coimbra.